

EDITORIAL

Sofrimentos da vida em sociedade

Se é verdade que o principal legado de Freud tenha sido o da fundação de uma prática clínica endereçada ao sujeito individual, em suas particularidades, também é certo que as consequências da descoberta do inconsciente levaram o fundador da psicanálise a estender sua escuta aos sintomas e ao mal-estar da coletividade. Esse gesto instalou uma nova modalidade de pensar a psicologia individual e a psicologia coletiva inserindo-as no mesmo espaço de entendimento. Lacan, por sua vez, dá ênfase a esse princípio ao reconhecer que a realidade do inconsciente é transindividual. Entende-se, desse modo, que a clínica reserva ao psicanalista o destino de tornar-se um crítico da sociedade que testemunha.

Tendo como norte essa perspectiva, publicamos nesse novo número da *Trivium: estudos interdisciplinares*, uma série de artigos que mobilizam o leitor a refletir sobre a articulação entre clínica e crítica psicanalítica e redimensionar o sofrimento social de nosso tempo. A maioria dos trabalhos, dos que compõem tanto a seção de artigos temáticos quanto a seção de artigos livres, foi escrita por autores que se preocupam em estabelecer diálogos com outras disciplinas dedicadas a perscrutar angústias e as amarguras sociais contemporâneas e, com isso, responder com maior plasticidade às questões que movem a escrita de cada um deles. Assim composto, o atual volume oferece diálogos interdisciplinares marcados pelas potencialidades reflexivas de diversos pensamentos e pelo cuidado de manter o pensamento psicanalítico voltado ao devir.

Abrindo a seção temática, Marcela Rocha e Francisco Farias em “Notas primárias sobre as sequelas psíquicas da escravidão”, retomando três dos conceitos metapsicológicos - Identificação, Ideal de Eu e Eu Ideal - perscrutam o trauma social da escravidão, dialogam com antropólogos, filósofos políticos, psiquiatras e psicanalistas, e concluem que os efeitos traumáticos da catástrofe escravagista ainda promoveram alterações no campo social que impactam nossas subjetividades atuais.

“O psicanalista na clínica extramuros” de Bruno Quintino de Oliveira, apresenta uma discussão sobre o cuidado na atenção psicossocial pela perspectiva da psicanálise, de forma a atender o novo paradigma no modelo de assistência em saúde mental, introduzida pela reforma psiquiátrica brasileira, preconizando um cuidado em rede a sujeitos que até então eram segregados do convívio social. Embasadas em uma longa revisão bibliográfica que inclui filósofos como H. Arendt, G. Agambem e G. Lipovetsky, Deborah Klajman e Maico Costa em “A hipermodernidade como paroxismo da modernidade”, sustentam que nossa contemporaneidade radicaliza os traços da sociedade moderna na qual foi fundada a psicanálise o que, na visão das autoras, valida a tese lacaniana de que o psicanalista deve de estar atento à subjetividade de sua época.

Em seguida, “Censura e cinema” de Jaqueline Maria Imbrizi e Júlia Bartsch, convida o leitor a participar de uma reflexão contundente sobre transmissão de traumas e elaboração de lutos, por meio da produção cinematográfica Mariguella, de Wagner Moura, deixando entrever formas de resistência possíveis a regimes repressivos que impedem o devir da democracia. “Epidemia de um dispositivo, medicalização em prol do capitalismo de Jessica S. Góis e Roberto P. Callazans Matos sinaliza os efeitos do discurso capitalista indutor da medicalização excessiva, que tem como objeto de consumo a saúde. Nesse

sentido, o capitalismo aparece no texto como uma patologia social. Rosana de Souza Coelho e Simone Z. Moschen no artigo “Sobre Pátria, Refúgio e Liberdade”, empreendem uma reflexão contundente sobre a noção universal embutida na *Declaração Universal dos Direitos do Homem* para problematizar o asseguramento dos direitos sociais e políticos daqueles que migram, tendo em vista a presença crescente de refugiados no cenário político internacional. A partir dessa evidência sociopolítica, as autoras se valem do potencial crítico do conceito de sujeito do inconsciente e dos processos de identificação que o forjam, para acentuar algumas contribuições da psicanálise ao campo dos *Direitos humanos*. Encerrando esse segmento de artigos, “Crianças que vivem a morte”, de Iana Katz, traz uma análise comovente das diversas situações em que a morte ceifa a vida de uma criança, seja devido ao inexorável do adoecimento, seja por conta de acidentes repentinos imprevisíveis, ou, ainda, por serem elas vítimas muitas vezes previsíveis da violência, como no caso de atos provocados pelo fenômeno da necropolítica – a violência do Estado. Nesses cenários, a autora se debruça sobre as acepções de luto e algumas de suas implicações na macropolítica e na micropolítica do cuidado.

Na seção Artigos, Vivian Ligeiro e Cristina Lindenmeyer, autoras de “Orlan: o corpo e o real”, perscrutam a trajetória de uma artista plástica que usa o próprio corpo como um material entre outros, Michelle Suzanne Porte - conhecida como Orlan, para discutir o estatuto do corpo em psicanálise tendo como ponto nodal da discussão o paradigma do “Humano/homem aumentado”. Trata-se de um modelo que encontra apoio na crença de que, por meio da tecnologia, o sujeito pode construir para si um corpo aumentado, reparado, livre da falta e da castração. Por fim, o artigo “O debate da Aids e das Trans no Serviço Social” de Raul Victor I. Silvio e Fernando G. de Oliveira da Silva, autores oriundos do Serviço Social, está baseado em uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo objetivo foi o de entender de que modo ocorrem os processos de in/exclusão de mulheres trans; tema bastante atual em vários campos do saber, que mantém o compromisso ético de perscrutar o sofrimento social das mais diversas minorias e propor ações de combate.

A Resenha do livro de Antonio Quinet, *A política do psicanalista: do divã para a pólis*, complexifica a posição do psicanalista frente à temática social e política. Raul Albino P. Filho destaca a contribuição do autor no que diz respeito diretamente à política *stricto sensu* – a pólis, termo usado na obra em questão para evocar a atuação do psicanalista na sociedade a partir do discurso do analista, no seu engajamento na reflexão sobre as subjetividades de sua época e no debate sobre o mal-estar da civilização tanto conjuntural quanto estrutural.

A resenha crítica da recente exposição Loio-Pérsio desenho inéditos, de Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos, encerra a edição, mostrando que a verdade contida pela obra de arte não se transmite por inteiro e tampouco possui um modo único de desvelar-se.

Betty B. Fuks

Editora Responsável

Citação/Citation: Betty, B. F. (2022) Sofrimentos da vida em sociedade. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 1.), pp. 1-2.